

UTILIZAÇÃO DE CACHIMBO EM EQUINOS DA RAÇA CRIOLA DA REGIÃO SUL DO BRASIL

GIOVANA MANCILLA PIVATO¹; HORTENCIA CAMPOS MAZZO²; HENRIQUE DOS REIS NORONHA³; CARLOS EDUARDO WAYNE NOGUEIRA⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – gimpivato@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – hcmvet@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – equineclinichipiatra@gmail.com

⁴ Universidade Federal de Pelotas – cewn@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A equideocultura no Brasil tem aproximadamente 5.751.798 cabeças, sendo que o Sul registra mais de 915 mil cabeças (IBGE, 2019). Dentre as raças encontradas nesta região, a Crioula ganha destaque, atualmente, a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC) registra aproximadamente 426,27 mil animais distribuídos em todo o território, sendo a grande maioria nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, com 425 mil exemplares.

Com o passar dos anos, o cavalo Crioulo passou a ser utilizado além da lida campeira nas provas e competições. Existem diversos elementos ligados à criação, genética e conquistas que agregam valor ao animal, fazendo o valor de comercialização da raça crescer. O agronegócio do cavalo Crioulo movimentou cerca de R\$ 130 milhões em 2017, segundo a associação (ABCCC, 2020).

Visto a significância e crescimento da equideocultura, a discussão sobre o uso de métodos de contenção físicas e químicas vêm sendo utilizadas para buscar construir um ambiente mais seguro para o animal e as pessoas relacionadas ao manejo dos animais. Estes métodos de contenção possuem a função de controlar as reações do animal conforme os estímulos e manipulações que ele recebe em determinadas situações (BROOM; MOLENTO, 2004).

O cachimbo é o mais popular dentre os métodos de contenção e possui três principais formas de apresentação. O tradicional ou de corda, também denominado como “pito”, consiste em uma haste ou bastão de madeira com um laço de corda preso em uma das extremidades, envolvendo o lábio do animal e causando uma torção repetida por movimentos circulares (STARBUCK, 2019). O metálico, é uma peça de aço que comprime como um alicate o lábio superior logo abaixo das narinas e o cachimbo alemão ou de corrente é, por sua vez, uma corrente metálica fina posicionada na gengiva superior aos dentes incisivos, com leve tração por uma corda fixada em torno da cabeça (STARBUCK, 2019).

O mecanismo de ação do cachimbo ainda não é completamente definido, contudo são três as teorias de maior evidência na literatura: distração, dor e diminuição da sensibilidade, acreditando que o efeito de contenção vem da pressão local causada pelo mesmo, independente da apresentação (FLAKÖLL; ALI; SAAB, 2017; LAGERWEIJ *et al.*, 1984; WATSON; MCDONNELL, 2018).

O objetivo do estudo é estabelecer o perfil dos usuários, além de conhecer a frequência e motivo do uso de contenções mecânicas do tipo cachimbo na raça Crioula da região Sul do território brasileiro.

2. METODOLOGIA

Foi realizada coleta de informações por meio de elaboração e aplicação de questionário online padronizado utilizando a plataforma gratuita *Google Forms*[®] (Anexo A). A divulgação ocorreu nas mídias sociais durante o período de fevereiro a março de 2020.

O questionário foi organizado em duas seções. A primeira consistia em um termo de livre consentimento onde só a partir da concordância, ocorreu o início da pesquisa. A segunda, contemplou as seguintes variáveis: perfil do entrevistado (classe profissional, idade, nível de formação e gênero); conhecimento sobre os tipos de cachimbo (tradicional, metálico, de corrente); frequência de utilização; utilização de outros métodos. Para melhor entendimento das questões foram inseridas figuras ilustrativas das contenções.

Ao final do período proposto para aplicação do questionário, foi obtida uma base de dados criada de forma automática através do *Google Forms*[®] em formato de planilha Excel[®]. Para as questões discursivas foi realizada correlação por semelhança e criada variáveis objetivas. Posteriormente, foi realizada análise estatística descritiva com indicação de frequência dos resultados por meio do software *Statistix 10*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário recebeu um total de 432 respostas sendo o público participante da Região Sul do País, com um perfil majoritariamente masculino (64,6%), com idade entre 20 e 29 anos (37%) e formação de ensino acadêmico (83,9%), sendo 9,7% formação técnica, 51,5% ensino superior completo ou incompleto e 22,7% pós-graduação completa ou incompleta. Ressalta-se que apesar da pesquisa ter encontrado um perfil de público predominante, a equideocultura tem um sistema de criação e comercialização bastante amplo, possuindo ao longo da sua cadeia uma heterogênea relação de agentes, não sendo possível definir um perfil de público fixo (DA SILVA et al, 2017).

Já em referência à classe de atuação profissional, 27,1% das pessoas entrevistadas se declararam estudantes, compondo a maior classe em público da pesquisa. Seguido de criadores (26,6%), usuários (16%) e Veterinários (14,1%). Desta forma, foi observado que o cachimbo é utilizado tanto por leigos quanto por profissionais da área das agrárias, principalmente médicos veterinários, profissão com dever legal de garantir o bem-estar animal e utilizar de embasamento técnico para o uso da contenção física (Resolução CFMV 1236/2018 - Artigo 3º do Código de Ética do Médico Veterinário).

Quando questionados sobre o conhecimento do método de contenção cachimbo e suas formas, 97% dos entrevistados disseram que conheciam o cachimbo tradicional ou pito, 56,5% o cachimbo metálico e 57,4% o cachimbo de corrente. Nota-se que há uma disparidade quanto ao conhecimento dos tipos de cachimbo e uma preferência pelo modelo tradicional dentre o público em questão. Reforçando essa desproporção, a frequência de utilização do primeiro variou de “raramente” (49,3%) à “às vezes” (33,1%), enquanto 84,3% dos entrevistados “nunca” utilizam o cachimbo metálico e 79,9% nunca usam o cachimbo de corrente. Esses dados confirmam que, o cachimbo tradicional, é o mais conhecido e provavelmente por isso é também o mais utilizado. Isso pode se dar pela popularidade do mesmo no meio equestre ou facilidade de acesso, visto que os modelos de cachimbo não variam quanto ao mecanismos de ação mas sim, quanto a forma de apresentação (STARBUCK, 2019).

Por fim, o principal motivo para o uso do cachimbo foi à consideração sobre o comportamento agressivo do cavalo (78,2%). Contudo 7,9% dos entrevistados levam em conta a segurança pessoal e do animal como critério de uso, assim como o histórico do animal de agressividade ou aversão a atividade que será exercida (6,3%). Tendo em vista que os métodos de contenção baseiam-se apenas em impedir as respostas do animal perante uma determinada situação, o critério de quando e como usar ainda é responsabilidade do profissional e, por não haver estudos mais aprofundados, geralmente se baseia na abordagem a ser realizada, o quanto é invasivo ou doloroso e a experiência da pessoa que o aplica, podendo na maioria das vezes ser usado em situações desnecessárias e, principalmente de maneira incorreta (MCDONNELL, 2018).

4. CONCLUSÕES

O presente estudo estabeleceu que o perfil majoritário dos usuários de cachimbo do sul do País são de homens, com idade entre 20 e 29 anos, com graduação (completa ou incompleta) e classe de estudantes e criadores. Estes, conhecem todas as apresentações do cachimbo, contudo fazem uso do cachimbo tradicional ou pito com maior frequência e tem o comportamento apresentado pelo cavalo, como motivo para o uso da contenção.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cavalo Crioulo registra avanço em território brasileiro. . [s. l.], 2020. Disponível em: <http://www.jornalminuano.com.br/noticia/2020/01/17/cavalo-crioulo-registra-avanco-em-territorio-brasileiro>. Acesso em: 17 set. 2020.

DA SILVA, Bruna Pacheco; FARIAS, Claudio Vinicius Silva. Cadeia de criação e comercialização do cavalo Crioulo no Rio Grande do Sul. **Revista Teoria e Evidência Econômica**, v. 23, n. 48, 2017.

FLAKOLL, Benjamin; ALI, Ahmed B.; SAAB, Carl Y. Twitching in veterinary procedures: How does this technique subdue horses?. **Journal of Veterinary Behavior**, v. 18, p. 23-28, 2017.

FUJITA-HAMABE, Wakako et al. Etoposide modulates the effects of oral morphine analgesia by targeting the intestinal P-glycoprotein. **Journal of Pharmacy and Pharmacology**, v. 64, n. 4, p. 496-504, 2012.

IBGE. **Tabela 3939: Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho.** [s. l.], 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3939>. Acesso em: 17 set. 2020.

JÚNIOR, Nestor Tipa; AGROEFFECTIVE. **Cavalo Crioulo registra avanço no território brasileiro em 2019.** [s. l.], 2020. Disponível em: <https://www.cavalocrioulo.org.br/noticias/detalhes/135579/cavalo-crioulo-registra-avanco-no-territorio-brasileiro-em-2019>. Acesso em: 17 set. 2020.

LAGERWEIJ, Evert et al. The twitch in horses: a variant of acupuncture. **Science**, v. 225, n. 4667, p. 1172-1174, 1984.

MCDONNELL, Sue. Twitch Efficacy and Endorphin Levels. [S. l.], p. 10–11, 2018. Disponível em: <https://thehorse.com/111820/twitch-efficacy-and-endorphin-levels/>

STARBUCK, Lucy. **Equine twitch.** U.S. Patent n. 10,375,929, 13 ago. 2019.

WATSON, Jacqueline C.; MCDONNELL, Sue M. Effects of three non-confrontational handling techniques on the behavior of horses during a simulated mildly aversive veterinary procedure. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 203, p. 19-23, 2018.